
Ilustres desconhecidas:

**A importância do protagonismo feminino dentro da escola de samba Estação
Primeira de Mangueira desde a música, cultura e consumo¹**

Rita de Cássia dos Santos de Vasconcelos²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Esta pesquisa, em fase inicial, pretende discutir sobre o protagonismo feminino dentro da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, desde a sua criação teve importância para o crescimento da agremiação, como na música, até contemporaneidade. Porém, fez-se presente através de muita luta e persistência influenciada por lideranças de mulheres fortes que ocuparam seus espaços (Bruno, 2021). Posteriormente a esta análise, identifica-se como objeto de estudo um desequilíbrio deste protagonismo entre os gêneros: feminino e masculino. Debruçada de referenciais teóricos: no samba, a resistência define a trajetória feminina, na sociedade como uma complexidade cultural (Siqueira, Fernandes, 2015), lideranças geracionais (Cabral, 1998), comportamento, sexualidade e poder (Foucault, 1984) e dinâmica performática de gêneros (Butler, 2023).

Palavras-chave: Mangueira; feminino; samba; protagonismo.

Introdução

O protagonismo feminino na Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira teve papel central desde sua fundação, contribuindo para a consolidação da agremiação como patrimônio cultural. Contudo, muitas mulheres que marcaram essa história permanecem invisibilizadas. Surge, então, a indagação: quantas Alciones, Lecis e Beths passaram pela Mangueira sem serem reconhecidas? O objetivo é resgatar a trajetória dessas "Ilustres Desconhecidas".

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação, Música e Entretenimento, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Publicitária pela UVA, pós-graduada em marketing estratégico de mídias sociais pelo SENAC- RJ e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-PPGCom/UERJ.

EMAIL: rctvasconcelos@hotmail.com

A partir de um referencial teórico que envolve autores como Bruno (2021), Siqueira e Fernandes (2015), Foucault (1984), Butler (2023), Sueli Carneiro (2003) e Lugones (2014), a pesquisa problematiza a restrição dos espaços de destaque oferecidos às mulheres no samba, apesar de seu papel essencial. Figuras como Dona Zilda, Joana Velha, Pastora Nair Pequena e Tia Tomásia são citadas em obras como *Mangueira: Nação Verde-e-Rosa* (Cabral, 1998), porém de forma superficial, revelando o apagamento histórico.

A fama e resistência das ilustres desconhecidas

Segundo Siqueira e Fernandes (2015, p. 187), a trajetória feminina revela que o corpo da mulher se inscreve na sociedade por meio de interações que formam um todo social complexo. No contexto do carnaval, essa trajetória é atravessada por uma constante hipersexualização, que reduz a mulher à sua corporalidade e obscurece seu protagonismo artístico e intelectual. Um exemplo emblemático é o de Beth Carvalho, que, conforme Vieira (1998, p. 74), foi a primeira mulher a assumir o posto de puxadora de samba em 1974, enquanto Jamelão era premiado como destaque masculino — sinalizando uma disparidade ainda presente.

A história de Dona Ivone Lara reforça essa perspectiva. Nobile (2018, p. 83) relata que, apesar de ter sido a primeira mulher a compor um samba-enredo e integrar a ala de compositores, sua carreira levou décadas para ser reconhecida. Sua legitimação foi associada a figuras masculinas, sendo chamada de “Cartola de Saias”, evidenciando como o talento feminino só é reconhecido quando vinculado a nomes consagrados.

Judith Butler (2023) aponta que o gênero é construído performaticamente, e não como identidade fixa. Nesse sentido, ser mulher é um processo social, como já afirmava Beauvoir: “ninguém nasce mulher, torna-se” (1980, p. 9). A performance do feminino no samba é marcada pela resistência em espaços historicamente masculinos, o que revela uma constante luta por legitimidade.

Foucault (1984) destaca que o corpo e o comportamento são regulados por uma normatividade ligada à sexualidade e ao poder, atribuindo ao homem a imagem da força dominante. Essa leitura contribui para entender como a exclusão das mulheres nos espaços de destaque da cultura do samba é também uma expressão da dominação simbólica ocidental.

Sueli Carneiro (2003) e María Lugones (2014) reforçam a urgência de uma abordagem interseccional que relacione gênero, raça e classe social, destacando o papel do feminismo negro e descolonial na valorização das vozes femininas silenciadas. Hollanda e Wittig (2019) questionam o patriarcado como reprodutor da lógica heteronormativa, indicando que, mesmo nos espaços ditos femininos, as mulheres precisam provar sua legitimidade. Carneiro (2003) relaciona essa opressão a um olhar eurocêntrico que hierarquiza raças e gêneros, promovendo apagamentos estruturais. Butler e Hollanda (2019) ampliam essa reflexão ao propor que o gênero, enquanto ato performativo, desloca o sujeito para condição de objeto em construção contínua — fato que afeta profundamente a forma como os corpos femininos são percebidos e legitimados.

Conclusão

Conclui-se que o protagonismo feminino, mesmo ofuscado historicamente, tem se reerguido graças à luta coletiva, às redes sociais e à pesquisa acadêmica. Ainda há desafios, mas o reconhecimento dessas “ilustres desconhecidas” é essencial para um futuro mais justo e representativo não só exclusivamente da Mangueira, mas também para as próximas gerações de mulheres dentro do samba.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- BRUNO, Leonardo. **Canto de Rainhas: o poder das mulheres que escreveram a história do samba**. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S.A., 2021.
- BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e a teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 213-229.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- CABRAL, Sérgio. **Mangueira: a Nação Verde-e-Rosa Autoria**. Rio de Janeiro: Prêmio Editorial, 1998.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, 17 (49), p.117-132, 2003.
- FERNANDES, Cíntia SanMartin. Corpos sensíveis na dinâmica urbana: interações e sentidos. In: SIQUEIRA, Denise C. Oliveira da (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FOCAULT, Michel. **A história da sexualidade**: o uso do prazer. Paris: Gallimard, 1984.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, p.935-952, set.-dez, 2014.

NOBILE, Lucas. **Dona Ivone Lara**: a primeira-dama do samba. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2015.

VIEIRA, Luis Fernando. **Sambas da Mangueira**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 83-92.